

## SARTRE POR ELE PRÓPRIO

De certo modo, temos aqui uma prefiguração de toda a obra de Sartre, que com efeito poderíamos apresentar, com suficiente validade, sob o signo da passagem da juventude à idade adulta, do estado de inocência e da cálida intimidade com o mundo, ao angustiante abandono do homem responsável, implicado no mundo e no entanto separado dele por toda a espessura do mundo.

Esta idade adulta é a idade de um homem à qual Hoederer, em *Les Mains Sales*, querera fazer aceder Hugo.

Também Mathieu, em *Les Chemins de la Liberté*, efectivará o seu acto: ligará a liberdade a um compromisso e há-de escapar—in extremis—a essa espécie de maldição que fazia dela uma liberdade «para nada», uma liberdade «no ar», deslizando indefinidamente pela superfície do mundo, sem poder penetrar nele e nem mesmo marcá-lo. Em Junho de 40 é a guerra, Mathieu está numa torre de igreja e os alemães acabam de entrar na aldeia. Toda a esperança está perdida, Mathieu e os companheiros não têm senão que render-se. Mas eles não se rendem e começam a disparar. «Mathieu fitava a sua morte, e ria. Durante anos, em vão tentara agir: constantemente lhe roubavam os seus actos, como se eles fossem dinheiro. Mas aquele tiro, ninguém lho poderia roubar. Premira o gatilho e uma vez enfim qualquer coisa acontecera. Qualquer coisa de definitivo, pensou, rindo cada vez mais... O seu morto, a sua obra, o rasto da sua passagem sobre a terra.» Momentos depois, todos os companheiros estão mortos, e Mathieu aposta consigo que se aguentará até aos quinze minutos. «Aproximou-se do parapeito e pôs-se a disparar de pé. Era um desforço grande: cada tiro vingava-o de um escrúpulo antigo. Um tiro em Lola que me não atrevi a roubar, um tiro em Marcelle que eu deveria ter largado, um tiro em Odette que eu não quis possuir. Este agora para os livros que me não atrevi a escrever, este para as viagens que me recusei, este ainda em todos os tipos, em bloco, que eu desejava detestar e que tentei compreender. Atirava, as leis voavam em estilhaças. Amarás o teu próximo como a ti mesmo — pumba nas trombas daquele estupor — não matarás — pumba naquele hipócrita ali em frente. Atirava sobre o homem, sobre a Virtude, sobre o Mundo, a Liberdade e o Terror. O incêndio crescia na Câmara Municipal, devorava-lhe a cabeça. As balas silvavam — livre como o ar, o mundo rebentará e eu com ele. Atirou, olhou o relógio: catorze minutos e trinta segundos. Só tinha a pedir um prazo de meio minuto, o tempo preciso

## SARTRE POR ELE PRÓPRIO

para disparar sobre o belo oficial tão desempenado que corria para a igreja. Atirou sobre o belo oficial, sobre toda a Beleza da Terra, sobre a rua, as flores, os jardins, sobre tudo aquilo que tinha amado. A Beleza deu um mergulho obsceno e Mathieu atirou ainda. Atirou: era puro, era todo-poderoso, era livre.

Quinze minutos.»

Tal como Orestes, Mathieu, antes da guerra vir atacá-lo de frente com situações-limite, passara o seu tempo a furtrar-se a um compromisso, por medo de alienar a sua liberdade. Condenava-se à inexistência: «...Tudo o que faço, faço-o para nada. Como se me roubassem as consequências dos meus actos, como se eu pudesse retomar as minhas decisões. Dava tudo para realizar um acto irremediável.» Assim ele chegou insensivelmente à idade da razão, que não é a idade de quem é homem, mas a sub-reptícia liquidação da juventude, o furtivo resvalar para uma morte viva, para o consentimento do malogro: «...Aquele vida fora-lhe dada para nada, ele não era nada e no entanto já não mudaria mais: estava feito. Bocejou: acabara o seu dia, pusera fim à juventude. Já os sistemas de Moral, postos à prova, lhe ofereciam discretamente os seus serviços: havia o epicurismo desenganado, a indulgência sorridente, a resignação, a grave sisudez, o estoicismo, tudo o que permite saborear, minuto a minuto, com ar entendido, uma vida falhada. Tirou o casaco, começou a desatar a gravata. Murmurava ainda entre bocejos: «Não há dúvida, no fim de contas, não há mesmo dúvida: cheguei à idade da razão.»

Mas quando Mathieu vier a decidir aguentar-se quinze minutos no alto da sua torre, os seus actos serão actos desesperados, porque não terá uma possibilidade, entre mil, de sobreviver àquela aventura. Tal não é de modo algum o caso de Orestes. No momento de realizar o seu acto, não afronta a morte, e não está também já marcado pelo juízo dos outros, como Daniel, o pederasta, na altura de casar com Marcelle. Orestes não era ninguém, era livre para nada, de uma liberdade fantasma: tenta fazer existir a sua liberdade, encarná-la, implicando-se, sem apelo, no mundo dos homens. Ora ele, disse-o e voltou a dizê-lo, pretende tornar-se «um homem entre os homens», quer adquirir o «direito de cidade» em Argos. Donde vem, pois, a sua decisão final de abandonar a cidade para sempre? É necessário observar aqui que Orestes nos dá alternadamente duas versões do seu acto: ora o rea-